



Submissão
10-02-2021
Aprovação
26-04-2021

Como citar este artigo

Carvalho BJ, Padilha IM, Borenstein SM, Carlos DJD. O Cotidiano dos estudantes de um Curso de Graduação em Enfermagem (1969-1975). *Hist Enferm Rev Eletrônica*. 2021;12(1):21-30. <https://doi.org/10.51234/here.21.v12n1.a2>

Autora correspondente

Juliana Bonetti de Carvalho

Campus Universitário - Centro de Ciências da Saúde - Departamento de Enfermagem Trindade - Florianópolis, SC CEP 88040-900
E-mail: julianapersempre@hotmail.com

O Cotidiano dos estudantes de um Curso de Graduação em Enfermagem (1969-1975)

The Everyday Life of Undergraduate Nursing Students (1969-1975)

La vida cotidiana de los estudiantes de enfermería de pregrado (1969-1975)

Juliana Bonetti de Carvalho^I
Maria Itayra Padilha^I,
Miriam Süsskind Borenstein^I
Djailson José Delgado Carlos^{II}

^I Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Enfermagem, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

^{II} Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Hospital Universitário Onofre Lopes, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

RESUMO

Objetivo: historicizar o cotidiano dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina, no período de 1969 a 1975. **Método:** Pesquisa qualitativa de cunho sócio histórico, envolvendo oito estudantes que se tornaram docentes do referido Curso. A coleta de dados ocorreu de outubro a dezembro de 2016. Os dados foram categorizados e analisados utilizando-se análise de conteúdo temática, com base no referencial Foucaultiano. **Resultados:** Emergiram três categorias: As relações interpessoais no Curso de Enfermagem; O Estágio Curricular; e, A indumentária do cuidado. **Considerações gerais:** O cotidiano dos estudantes é representado pelas relações entre eles e os docentes do curso de modo a construção de sua identidade profissional, assim como, o uso do uniforme como fortaleza nas unidades de prática clínica ou de saúde pública. Os campos de estágio e o convívio com outros profissionais de saúde foi enriquecedor e mobilizaram novos aprendizados. **Descritores:** Enfermagem; História da Enfermagem; Escolas de Enfermagem; Ensino superior.

ABSTRACT

Objective: to historicize the daily life of the students of the Undergraduate Nursing Course, from the Federal University of Santa Catarina, from 1969 to 1975. **Method:** Qualitative research of a socio-historical nature, involving eight students who became teachers of that Course. Data collection took place from October to December 2016. The data were categorized and analyzed using thematic content analysis, based on the Foucauldian framework. **Results:** Three categories emerged: Interpersonal relationships in the Nursing Course; The Curricular Internship; and, the attire of care. **General considerations:** The students' daily lives are represented by the relationships between them and the professors of the course in order to build their

professional identity, as well as the use of uniforms as a strength in clinical practice or public health units. The internship fields and the contact with other health professionals was enriching and mobilized new learning.

Descriptors: Nursing; History of Nursing; Schools Nursing; Education Higher.

RESUMEN

Objetivo: historizar la vida cotidiana de los estudiantes del Curso de Licenciatura en Enfermería, de la Universidad Federal de Santa Catarina, de 1969 a 1975. **Método:** Investigación cualitativa de carácter sociohistórico, que involucró a ocho estudiantes que se convirtieron en profesores de dicho Curso. La recolección de datos se llevó a cabo de octubre a diciembre de 2016. Los datos fueron categorizados y analizados mediante análisis de contenido temático, basado en el marco de Foucaultian. **Resultados:** Surgieron tres categorías: Relaciones interpersonales en el Curso de Enfermería; La pasantía curricular; y el atuendo de cuidado. **Consideraciones generales:** La vida cotidiana de los estudiantes está representada por las relaciones entre ellos y los profesores del curso para construir su identidad profesional, así como el uso de uniformes como fortaleza en la práctica clínica o unidades de salud pública. Los campos de prácticas y el contacto con otros profesionales de la salud fue enriquecedor y movilizó nuevos aprendizajes. **Descriptor:** Enfermería; Historia de la Enfermería; Facultades de Enfermería; Educación Superior.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o período compreendido entre as décadas de 1960-80 foi marcado por profundas transformações sociais, políticas, econômicas e ideológicas. Nele, o país vivenciou uma ditadura militar na qual houve a adoção de severas medidas restritivas à população e inúmeros confrontos aos opositores políticos do governo. No decorrer desses anos de autoritarismo, entre muitos desdobramentos, o modelo industrial e urbano foi ajustado à nova ordem, sendo a economia brasileira reorganizada em seu desempenho e produtividade, passando o país a vivenciar o controverso milagre econômico⁽¹⁾.

Nesse contexto, as políticas de saúde passaram a valorizar a prática médica curativa, individual, assistencialista, especializada, orientada para o lucro da saúde, criando-se com isso um complexo médico-industrial, com compras de medicamentos e equipamentos hospitalares a empresas internacionais. Tais circunstâncias resultaram em insatisfações e desencadearam manifestações populares que, contando com o apoio de distintos atores sociais, políticos, religiosos e intelectuais contribuíram para o surgimento do movimento da Reforma Sanitária Brasileira que trouxe muitas contribuições, entre elas as discussões contextualizadas e o chamamento à responsabilidade estatal quanto à saúde da população⁽²⁾.

No que diz respeito a formação profissional em saúde, especificamente no que se refere a Enfermagem, a categoria constava como a que menos crescia devido ao reduzido número de escolas, escassez de recursos humanos e materiais, além do pouco investimento em cursos de aperfeiçoamento. Apesar disso, a Enfermagem passou a registrar acontecimentos positivos, muitos deles sob a liderança da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) que sempre esteve em defesa do ensino e da formação profissional de qualidade⁽³⁾. Quanto a isso, pode-se destacar o enquadramento da Enfermagem como profissão de nível superior⁽⁴⁾; a abertura de escolas de enfermarias⁽⁵⁾; funcionamento dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu*⁽⁶⁾; a criação e implantação dos conselhos (federal e regionais)⁽⁷⁾.

Em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, não diferente do resto do país, havia carência de profissionais de Enfermagem qualificados. Essa realidade motivou discussões sobre a criação de um curso de ensino superior, justificando-se pela necessidade de profissionais capacitados que pudessem prestar assistência, organizar e gerenciar os serviços de Enfermagem nas instituições de saúde – públicas e privadas – da capital e do interior. Tais motivações se reportam ao ano de 1965 como oriundas de um grupo de enfermeiras* do Hospital Infantil Edith Gama Ramos em parceria com a ABEn, Seção Santa Catarina, em funcionamento desde 1962⁽⁹⁾.

Assim, em dezembro de 1967 foram planejados, elaborados e organizados os documentos necessários à criação e funcionamento do Curso de Graduação em Enfermagem, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), seu Regimento Interno e os currículos (pleno e o complementar). À frente dos

*Ingrid Elsen,
Eloíta Pereira Neves,
Nelci Mendes e
Rosita Saupé⁽⁸⁾.

preparativos esteve a enfermeira Eloíta Pereira Neves visitando as principais Escolas de Enfermagem do país, com a finalidade de conhece-las em suas organizações didáticas, administrativas e financeiras⁽⁹⁾.

Em 24 de janeiro de 1969, por meio da Resolução nº 02/69, assinada pelo Reitor David Ferreira Lima, foi criado o Curso de Graduação em Enfermagem, da UFSC, e mantido vinculado à Faculdade de Medicina. Este curso iniciou com o regime seriado, formado por três séries, constituída cada uma delas por dois semestres. O currículo do curso seguiu o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 271/62, e era desenvolvido em três anos, com a possibilidade posterior à conclusão do curso, de realizar o quarto ano e de escolher entre as habilitações em Saúde Pública ou Enfermagem Obstétrica. Em fevereiro de 1969 foi realizado o primeiro Concurso Vestibular, um exame específico destinado à seleção de estudantes para a Enfermagem e em março do mesmo ano iniciou suas atividades didáticas⁽¹⁰⁾.

Com o advento da Reforma Universitária, de 1968, o currículo mínimo do Curso de Enfermagem foi reestruturado, formalizado pelo Parecer nº 163 de 27 de janeiro de 1972 e pela Resolução nº 04 de 25 de fevereiro de 1972 e passa a compreender três partes: a pré-profissional, o tronco profissional comum e as habilitações Enfermagem Médico-Cirúrgica, Enfermagem Obstétrica ou Enfermagem em Saúde Pública⁽¹¹⁾.

Decorridos apenas dois anos de sua criação, o Curso de Graduação em Enfermagem se vê diante de novos desafios impostos pela vigência da Reforma Universitária no que diz respeito à sua estruturação e funcionamento. Esse novo cenário, certamente, deve ter interferido ou sido sentido pelos estudantes, visto que a percepção do cotidiano deve ir além do termo "dia a dia", porquanto a compreensão da vida analisada sob diversos espaços e aspectos. Desse modo, a cotidianidade de um determinado grupo é dependente das relações estabelecidas entre aqueles que o compõem, não se pode existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com o outro⁽¹²⁾.

Diante destas breves considerações, fomos instigados a conhecer melhor aspectos que solidificaram esta história e assim estabelecemos com objetivo deste artigo historicizar o cotidiano dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, da UFSC, no período de 1969 a 1975. O recorte temporal inicial (1969), corresponde ao ano de sua criação e o final (1975), ao ano em que obtém seu reconhecimento junto ao Ministério da Educação e Cultura⁽¹³⁾.

MÉTODO

Estudo com desenho qualitativo, desenvolvido na perspectiva histórico-social, no qual utilizou-se dos recursos da História Oral. Essa escolha se deve a disponibilidade de recursos técnicos e metodológicos para registrar testemunhos, valorizar as narrativas orais, favorecer o resgate das memórias de personagens que vivenciaram determinados acontecimentos e assim, ter acesso à histórias dentro da história e ampliar as interpretações do passado⁽¹⁴⁻¹⁵⁾.

Participaram desta pesquisa, voluntariamente, oito egressos, das cinco primeiras turmas (1969-1973), do Curso de Graduação em Enfermagem, da UFSC e que, posteriormente, tornaram-se docentes do referido curso. A coleta de dados ocorreu entre outubro e dezembro de 2016, de acordo a disponibilidade dos colaboradores, através da a realização de entrevistas semiestruturadas gravadas, após o seu aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Feita a transcrição, as entrevistas foram devolvidas aos participantes para conferência e validação⁽¹⁶⁾ das informações. Todos permitiram a divulgação do seu nome, seguidos pelo ano de ingresso no Curso de Enfermagem e procederam a doação mediante a assinatura do Termo de Cessão de Depoimento Oral, para o acervo do Laboratório de Pesquisas da História do Conhecimento Enfermagem e Saúde (GEHCES), do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN-UFSC), permitindo a criação de fontes documentais. Cumprindo esse protocolo, as entrevistas foram submetidas ao processo de adequação do texto à linguagem científica, retirando jargões e vícios de linguagem coloquial.

A análise e interpretação dos dados ocorreram por meio da leitura atenta e detalhada do material, com a qual se buscou a compreensão dos significados objetiva, científica e sistematicamente. A categorizações das informações foram realizadas sob a técnica de análise temática⁽¹⁷⁾, utilizando como referencial teórico-filosófico, os estudos de Michel Foucault, referentes às relações de poder-saber e saber-poder.

Por fim, esta pesquisa foi elaborada e desenvolvida em conformidade à Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde e seu projeto contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, através do Parecer nº 1.745.809/2016 e CAAE 59255316.8.0000.0121

RESULTADOS

Da análise dos dados emergiram três categorias temáticas: Vivências, relações e interações no Curso de Enfermagem; O estágio curricular; e, A indumentária no cuidado. Os depoimentos contribuíram, significativamente, para elucidar o cotidiano dos estudantes em suas atividades acadêmicas, assim como destacaram o modo como eram estabelecidas as relações de poder-saber no dia a dia e, desse modo, reconstruir parte dessa importante história relacionada a criação e funcionamento do ensino superior em Santa Catarina. Vale lembrar que os depoimentos foram autorizados quanto a sua identificação e que estão acompanhados do ano de ingresso no respectivo curso.

Vivências, relações e interações no curso de Enfermagem

Essa categoria ilustra como as relações e interações cotidianas eram estabelecidas entre os estudantes e os professores do Curso de Graduação em Enfermagem, da UFSC, nos primeiros anos de seu funcionamento, bem como contemplam características e o modo de agir de parte dos personagens dessa história, como veremos a seguir:

Havia liberdade com as professoras [...] com algumas o tratamento era mais pessoal, com outras, um pouquinho de formalidade [...] a gente se relacionava muito bem, até porque essa coisa delas nos acompanharem em todas as disciplinas do curso, acabou favorecendo uma relação bem afetiva com todos (Maria Albertina Braglia Pacheco - 1969).

Havia professoras abertas e conservadoras [...] tudo o que a gente solicitava, todos atendiam dentro das possibilidades [...] o curso era novo, a Universidade também era nova, mas tínhamos possibilidades de conversar [...] éramos avaliados constantemente, inclusive na vida pessoal [...] as professoras sempre queriam saber como estávamos, talvez para saber se tínhamos interesses de seguir adiante (Coleta Rinaldi Althoff - 1969).

Tínhamos muito respeito às professoras e, também, éramos respeitados [...] era muito bom nosso relacionamento [...] havia interesses em saber o que a gente pensava sobre tudo, sobre a vida, sobre casar, sobre ter namorado [...] as professoras também promoviam encontros, almoços [...] havia muita amizade entre nós (Ana Maria Westphal - 1969).

A relação com os professores sempre foi muito boa [...] eles eram jovens também, então a gente tinha bastante contato, mas com muita disciplina (Maria Tereza Leopardi - 1971).

Havia divergências profundas de visão de mundo entre os professores e entre os alunos [...] eu tinha outras atividades e, às vezes, era preciso faltar às aulas, mas me dedicava e tirava notas boas [...] penso que tinha certo respeito e reconhecimento como um jovem com conteúdo e posicionamentos [...] eu era divergente e até um pouco radical, mas respeitoso (Jorge Lorenzetti - 1972).

Havia boas e experientes professoras [...] o Curso de Enfermagem havia formado poucas turmas [...] sempre estavam contratando novos professores [...] no geral, a relação era boa apesar de algumas professoras se manterem à distância [...] o ensino era de qualidade (Kenya Schmidt Reibnitz - 1973).

Aqui estão dispostas algumas impressões dos alunos no que se refere ao corpo docente nos primórdios do funcionamento do Curso de Enfermagem, da UFSC. Quanto a isso, parece consensual as boas e respeitadas relações interpessoais. Possivelmente, os esforços e as responsabilidades para assegurar o funcionamento e a consolidação do curso por parte dos docentes, em alguns momentos, tenham parecidos rígidos na percepção dos discentes. Apesar disso, as falas também registram momentos de afetos e confraternização entre o grupo.

O Estágio Curricular

Os estudantes, antes de iniciarem os estágios curriculares nas instituições de saúde, praticavam a teoria aprendida em sala de aula, no laboratório equipado com manequins especiais para demonstração

prática e treinamento das técnicas. Sobre os preparativos anteriores necessários à realização dos estágios e suas vivências nesses espaços de aprendizado, assim se pronunciaram os colaboradores:

Praticávamos as técnicas na própria escola antes dos estágios [...] nós praticamos primeiro em nós mesmos [...] fomos aos batalhões para treinar nos soldados que consentiam [...] assim nós começávamos as práticas, antes de irmos para o hospital (Ana Palma Souza Camargo - 1969).

Nos estágios, os professores que ficavam em cima da gente supervisionando tudo [...] tínhamos uma listagem das técnicas a realizar [...] foram muitos estágios no Hospital de Caridade [...] lá, vi pela primeira vez que eu vi uma enfermaria assistencial naquelas enfermarias enormes e, sempre, cheias de doentes [...] dispúnhamos de um armário [...] chegávamos mais cedo, trocávamos a roupa para estar presente, às 7 h, na hora troca do plantão (Coleta Rinaldi Althoff - 1969).

Ficávamos responsável por um paciente, arrumava o quarto, dava banho, fazíamos tudo [...] isso aliviava bastante os profissionais [...] não realizávamos técnicas não ensinadas [...] foi terrível a primeira vez que limpei uma cânula de traqueostomia (Maria Tereza Leopardi da Rosa - 1971).

As professoras chegavam sempre antes e fazia toda a preparação antes da gente assumir os pacientes [...] lembro também que, nos estágios quando os médicos chegavam, a gente saía [...] não entendíamos essa postura das professoras [...] havia muita submissão [...] tínhamos que arrumar tudo, deixar bem direitinho porque o médico vai passar (Kenya Schmidt Reibnitz - 1973).

Nos campos de estágio, a gente sofria alguns impactos [...] sentíamos uma certa resistência, uma certa desconfiança [...] tinha médico que perguntava: o que está escrito aqui? [...] as professoras estavam sempre atentas e nos dando cobertura (Maria Albertina Braglia Pacheco - 1969).

Os depoimentos esclarecem que as técnicas eram praticadas nos estágios curriculares, gradativamente, à medida em que eram ensinadas em sala de aula e praticadas nos laboratórios do Curso de Enfermagem. A contribuição voluntária de soldados militares também foi lembrada. Referenciam o Hospital de Caridade, de Florianópolis, com importante campo à realização das técnicas assistências e como oportunidade de vivência de algumas rotinas protocolares do serviço, como: a importância da troca das roupas, o cumprimento dos horários e a passagem de plantão.

Enfatizaram a oportunidade dos estágios para a visualização *in loco* da atuação da enfermeira no desempenho do trabalho e coordenação da assistência à saúde. Igualmente importante, referem-se à atuação das professoras quanto a seleção de pacientes e à supervisão do trabalho, assim como a postura atenta ao desenvolvimento das atividades e o zelo quanto às possíveis adversidades impostas aos estudantes. Por fim, a percepção do espaço hospitalar como passível de relações de poder e a inserção da Enfermagem nesse cenário.

A indumentária no cuidado

A seguir, os relatos versam sobre o uniforme utilizado pelos estudantes das primeiras turmas do curso, descrevendo detalhes e estratégias, assim como justificam à sua escolha:

A professora Eloíta Pereira Neves, Coordenadora do Curso, à época, nos deixou escolher o modelo e a cor do nosso uniforme [...] era de vestir e prender do lado para facilitar, porque tínhamos que trocar a roupa no hospital [...] não podíamos vir com o uniforme de casa [...] foi pensado para ser funcional [...] usávamos casacos brancos para o frio [...] nada na cabeça (Maria Albertina Braglia Pacheco - 1969).

Este uniforme foi desenhado especialmente para nós [...] pensamos na cor azul para nos distinguir dos outros profissionais [...] os estudantes se apresentavam bem bonitinhos [...] meia branca, sapato branco e o uniforme azul, transpassado, decote V (Ana Palma Souza Camargo - 1969).

Calça comprida ou vestido com mangas e um jaleco [...] tudo branco e bem comportado (Maria Tereza Leopardi da Rosa - 1971).

No meu caso, era um uniforme branco tradicional, sapatos brancos, calças brancas [...] o jaleco também branco, curto e como a identificação da UFSC (Jorge Lorenzetti - 1972).

Absolutamente branco [...] o jaleco era usado para o laboratório (Kenya Schmidt Reibnitz - 1973).

Bem exigente [...] de preferência calça comprida ou saia mais longa, calçados brancos e fechados, blusas, jaleco e meias brancas (Margareth Linhares Martins - 1973).

Vê-se que os alunos do Curso de Enfermagem, da UFSC, aderiram ao uso de roupas e indumentárias brancas, a exemplo dos estudantes dos outros cursos da área da saúde. É de se pensar que a oportunidade de escolher o uniforme dos estágios tenha agradado a todos que, optaram pela cor azul e na condição de ser prático e fácil vestir. Quanto à escolha da cor, considerando-se a curta existência do curso, parece justo que os alunos buscassem por uma identidade própria e, nessa condição, apresentando-se com algum diferencial dos demais estudantes e profissionais de saúde. Essa preocupação, parece se relacionar às primeiras turmas, visto que os discentes às turmas subsequentes apenas fazem menção à exclusividade ao uso do branco.

DISCUSSÃO

A professora Eloísa Pereira Neves, foi a principal responsável e articuladora pelo planejamento, criação e implementação do Curso de Enfermagem, da UFSC, sendo a primeira professora, Coordenadora do Curso de Graduação e Chefe do Departamento, assumindo um papel extremamente importante à sua consolidação. O seu saber sobre a enfermagem e a administração, entre outros, conferiam à coordenadora poder para melhorar as práticas educacionais e possibilitar uma boa convivência entre si, estudantes e professores⁽¹⁸⁾.

A autoridade era exercida de uma maneira leve, porém eficaz. A emergente vida acadêmica estava se despontando com bastante conteúdo e trocas de conhecimentos e experiências entre os professores e alunos. A disciplinarização dos corpos ocorria de maneira sutil e os mecanismos de controle serviam para manter o domínio do espaço interno, por onde transitavam os alunos e naquilo que possível normatizar seus comportamentos⁽¹⁹⁾. Nessa perspectiva, a problematização das questões de poder e produção do saber assumem vital importância, devendo ser vistas de maneira dinâmica e contextualizada, pois a cada instante há possibilidades da construção de novas percepções da realidade a qual se estar inserido, aqui em destaque, o cotidiano entre os estudantes e os professores⁽²⁰⁾.

No início do Curso de Graduação em Enfermagem, da UFSC, as atividades práticas, ou estágios, supervisionados pelos professores, eram realizados em instituições de saúde de Florianópolis, previamente conveniadas à UFSC. Desse modo, os estudantes de Enfermagem passaram a dispor das seguintes instituições: Hospital de Caridade, Hospital Governador Celso Ramos, Hospital Infantil Edith Gama Ramos, Hospital Colônia Santa Teresa, Maternidade Carmela Dutra, Casa de Saúde São Sebastião, Centro de Saúde do 1º Distrito Sanitário, Laboratório Central de Saúde Pública e a Associação Catarinense de Reabilitação⁽¹⁰⁾.

No contexto do processo de aprendizagem, o estágio curricular tem, pois, o objetivo de favorecer a interação dialógica entre conhecimentos, interdisciplinaridade e interprofissionalidade sobremaneira favorecendo o crescimento técnico-científico dos alunos, assim contribuir para melhorar a integração entre o ensino e a extensão⁽²¹⁾. Assim compreendido, consiste na confirmação da relação teórico-prática dos conhecimentos adquiridos no desenvolver do curso de graduação consubstanciados com o estágio curricular. Nesta fase da formação estudantil, é possível estabelecer comparações entre a operacionalização dos conhecimentos teóricos adquiridos com os conhecimentos práticos que terá que desenvolver.

Na realidade do Curso de Enfermagem, da UFSC, em seus primórdios, a supervisão dos estágios era realizada por todos os professores, pois como as disciplinas eram oferecidas uma vez por ano, somente na primeira turma do curso, os professores dividiam a turma em pequenos grupos e conseguiam acompanhar todos os estudantes. Os professores ficavam responsáveis pela sua própria disciplina teórica e no campo de estágio faziam supervisão direta nas suas disciplinas e em outras também.

A instituição educacional é um dos mecanismos mais poderosos de nossa cultura, por meio da qual os seres humanos se tornam “sujeitos”, em “corpos dóceis” da ordem social⁽¹⁹⁾. A universidade

e seus ensinamentos, os modelos de ensino e seus recursos didáticos estão situados no âmbito dos “poderes disciplinares” e no marco dos controles sociais. Essa disciplinarização se volta sobre todos os que devem ser controlados, o que inclui, obviamente, os estudantes, que precisam ser monitorados, expostos ao olhar de um vigilante e onde é possível normatizar seus comportamentos. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame⁽¹⁹⁾.

Nos estágios é possível observar os mecanismos utilizados para o adestramento do corpo, como o controle do tempo, a supervisão direta, o uso do uniforme, entre outros. Assim, a universidade não é o lugar privilegiado da identidade pessoal. É, antes, uma organização estratégica de transformação pública. Os seres humanos são convertidos, através dele, em seres visíveis, perceptíveis e, consequentemente, controláveis. O saber é regulado e treinado por uma ordem externa na qual o poder é a força básica e fundamental. A articulação entre poder e saber é discursiva, o elo entre os dois elementos é relacional e não pode ser garantido⁽²²⁾.

Em relação a presença médica nos campos de estágio, ainda havia a hegemonia da classe, o médico ainda era considerado o detentor do saber em relação ao paciente, e consequentemente tinha o poder, e os demais profissionais assumiam uma posição de submissão diante desta situação. A valorização dos profissionais da saúde, até a década de 1980 não existia. Os profissionais exerciam suas atribuições de forma corporativa, não politizada e desorganizada profissionalmente⁽²³⁾.

Quanto a isso, importa ressaltar que a Enfermagem tem se mantido alinhada as necessidades assistenciais, de maneira a manter-se em evolução quanto as demandas atuais do cuidado e da tecnologia empregada à saúde. Ciente de suas potencialidades, obrigações e contribuições, encontra-se inserida em diversas frentes da produção do conhecimento. Na particularidade dos cuidados, tem creditado na sistematização da assistência através da cientificidade e racionalidade de suas ações e no registro dessas, possibilidades de visibilidade e reconhecimento profissional⁽²⁴⁾.

Retornando ao cotidiano dos estudantes do Curso de Enfermagem da UFSC, o uniforme se constituiu em estratégia de igualdade e diferenciação de grupo. O curso implantou o uso de uniforme desde a sua inauguração, em 1969, mantido até os dias atuais, passando por transformações. O uso do uniforme pelos estudantes de escolas com um mesmo sistema educacional é um importante símbolo de identidade profissional⁽²⁵⁾ como desempenha papel importante na construção social da identidade⁽²⁶⁾.

As estudantes pioneiras sabiam que, por tradição, era a cor branca do uniforme, mas elas queriam inovar, pois a cor azul da mesma forma, trazia boas referências para a sua utilização na área da saúde. Esta cor possui significados variados como serenidade, calma, relaxante, sentimento profundo, ajuda a baixar a pressão sanguínea e reduzir a tensão⁽²⁷⁾. Vale esclarecer que a cor branca instituída nos uniformes das enfermeiras hospitalares no Brasil, a partir da década de 1920, apresentou variações no transcorrer de sua trajetória histórica pelo país⁽²⁶⁾ e que está relacionada a pureza, a higiene, a noção de limpeza através de um vestuário claro, que podia ser mais rapidamente identificado como limpo⁽²⁵⁾.

Independentemente da cor, o importante era o uso do uniforme, tanto para a normalização de uma postura, a identificação de um grupo, como para proteção de si no momento de realizar as práticas de cuidado, como por exemplo, o uso do jaleco e calçados fechados. Os calçados fechados também são recomendados como barreira de proteção para os profissionais de saúde além dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) – máscaras, protetores faciais, óculos, luvas, aventais – como forma de minimizar os riscos de eventos adversos no ambiente de trabalho com materiais perfurocortantes e biológicos⁽²⁸⁾.

O uniforme é um elemento que possibilita o conhecimento de regras e valores associados às roupas e a seus acessórios⁽²⁵⁾. Quando associados aos depoimentos, pode-se perceber que os professores exerciam um controle sobre os estudantes, suas indumentárias, suas posturas, seus materiais. Estavam sempre atentos para que os estudantes pudessem desenvolver as atividades necessárias ao cuidado com qualidade e sob essa perspectiva, quanto mais se controla, mais o trabalho é eficiente⁽¹⁹⁾.

A questão do controle tem como consequência o poder disciplinar que, ao estilo de uma rede, permeia todo o corpo social e se constitui em uma relação de força que classifica, observa, registra e controla tudo e todo⁽¹⁹⁾. Para Michel Foucault, a instituição escolar é uma estrutura de poder para reprimir e domesticar o corpo social, a fim de introduzir mecanismos sutis para manter os privilégios e grupos dominantes no poder. A liberação dos instintos libertários envolve a quebra de qualquer forma de autoridade, especialmente a do professor.

Por fim, faz-se mister registrar que as relações instituídas na operacionalização curricular, vão muito além das praticadas na sala de aula, pois as relações humanas e sociais, também, acontecem na vida universitária de modo espontâneo e informal. Os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC vivenciaram estas relações ocasionadas pelas atividades práticas em seus estágios supervisionados, confecção e uso de uniformes, dentre outros aspectos, que possivelmente geraram transformações em seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu desvelar alguns aspectos do cotidiano dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, da UFSC, em seus primórdios, como as relações interpessoais, as práticas no estágio curricular e o uso do uniforme, permeadas pelas relações de poder-saber.

Ressalta-se a importância da relação professor, estudante e instituição como que se dava de maneira recíproca e motivada. Os professores estavam comprometidos com o funcionamento do curso e interessados em compartilhar os conteúdos vivenciados por eles dentro dos parâmetros curriculares estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura e transcritos nas Diretrizes Curriculares Nacionais. Os estudantes muito motivados em experienciar novos desafios na formação acadêmica.

Estas relações se davam de maneira amistosa na maioria dos momentos e permeadas pelo poder disciplinar, que por vezes encontrava-se sutilmente inserido nestas relações. Este poder circulava também, no desenvolvimento das atividades nos campos de estágio e no uso do uniforme. O uso do uniforme pelos estudantes do curso de enfermagem contribuiu para a identificação de uma categoria profissional em formação, transmitindo tanto uma imagem quanto uma linguagem emblemática para estudantes, professores e demais profissionais que vivenciaram o momento histórico e social, uma vez que transmitiu novos conceitos da ciência, da técnica e de um ideal de assistência à saúde a ser prestado à população.

A expressão da Enfermagem da UFSC com suas fortalezas de saber e de poder oportunizou o desenvolvimento da formação profissional da Enfermagem em Santa Catarina, abrindo cada vez mais perspectivas de uma enfermagem sistematizada e qualificada, e que o cotidiano dos estudantes contribuiu de maneira ímpar para a sua formação acadêmica e qualificação profissional.

REFERÊNCIAS

1. Paulino AEL. O impacto do “milagre econômico” sobre a classe trabalhadora segundo a imprensa alternativa. *Rev Katálysis* [Internet]. 2020 [cited 2021 Feb 19];23(3):562-71. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v23n3/1982-0259-rk-23-03-562.pdf>
2. Carnut L, Mendes A, Marques MCC. Outra narrativa no ensino da Reforma Sanitária Brasileira: o debate crítico de uma escolha política. *Saúde debate* [Internet]. 2019[cited 2021 Feb 19];43(spe8):133-145. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v43nspe8/0103-1104-sdeb-43-spe08-0133.pdf>
3. Kletemberg DF, Villarinho MV, Bertoncini JH, Padilha, MI, Borenstein MS, Carlos DJD. O fascínio da ciência na área da saúde (1960-1990). In: Padilha MI, Borenstein MS, Santos I, Bellaguarda, ML. (Org). *Enfermagem: história de uma profissão*. 3 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2015. p. 220-280.
4. Carvalho AC. *Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: documentário*. 2. ed. Brasília: ABEn Nacional, 2008.
5. Carlos, DJD, Padilha MI, Villarinho MV, Borenstein MS, Maia ARCR. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). *Rev Rene* [Internet]. 2014 [cited 2021 Feb 19];15(2):326-33. Available from: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3161/2425>
6. Baptista SS, Barreira IA. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2006[cited 2021 Feb 19];59(esp): 411-6. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v59nspe/v59nspea05.pdf>
7. Oliveira MIR, Ferraz NMF. A ABEn na criação, implantação e desenvolvimento dos conselhos de enfermagem. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2001[cited 2021 Feb 19];54(2):208-212. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v54n2/v54n2a06.pdf>

8. Carvalho, JB. Curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina: da criação à implementação (1969 - 1991). [Tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
9. Borenstein MS, Althoff CR. Projetando e conquistando um caminho para a formação profissional do enfermeiro. In: Borenstein MS, Althoff CR, Souza ML. Enfermagem da UFSC: recortes de caminhos construídos e memórias (1969-1999). Florianópolis: Insular, 1999. p. 25-64.
10. Bub LIR, Mendes NTC. Os primeiros 10 anos (1969-1979). In: Borenstein MS, Althoff CR, Souza ML. Enfermagem da UFSC: recortes de caminhos construídos e memórias (1969-1999). Florianópolis (SC): Insular; 1999. p.65-126.
11. Brasil. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média e dá outras providências. Diário Oficial da União, 29 Nov 1968[cited 2021 Feb 19]. Available from: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75564>
12. Berger P, Luckmann T. A construção social da realidade. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
13. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Decreto nº 76.853, de 17 de dezembro de 1975. Concede reconhecimento ao curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, com sede na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Diário Oficial da União, 18 Dez 1975 [cited 2021 Feb 19]. Available from: https://www.normasbrasil.com.br/norma/decreto-76853-1975_31667.html
14. Villarinho MV. História Oral e Memórias: Contribuições na Pesquisa Histórica em Enfermagem e Saúde. Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2017[cited 2021 Feb 19];8(2):67-8. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/v8/n2/a01a.pdf>
15. Padilha MI, Bellaguarda MLR, Nelson S, Maia ARG, Costa R. The use of sources in historical research. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2017[cited 2021 Feb 19];26(4): 1-10. Available from: https://www.scielo.br/pdf/tce/v26n4/en_0104-0707-tce-26-04-e2760017.pdf
16. Meihy JCS, Ribeiro SLS. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.
17. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
18. Borenstein MS, Oliveira ME, Santos EKA, M ICA. Eloita Pereira Neves: baluarte da enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2009;18(4):759-65. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/18.pdf>
19. Foucault M. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
20. Carvalho JB, Maia ARCR, Santos EKA, Borenstein MS, Espíndola DS. Foucault como caminho de compreensão para a Pesquisa Histórica na Enfermagem. Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2012[cited 2021 Feb 19];3(2):160-171. Available from: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num2artigo5.pdf>
21. Gavira MO, Gimenez AMN, Bonacelli MBM. Proposta de um sistema de avaliação da integração ensino e extensão: um guia para universidades públicas brasileiras. Revista da Avaliação da Educação Superior [Internet]. 2020[cited 2021 Feb 19];25(2):395-415. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v25n2/1982-5765-aval-25-02-395.pdf>
22. Foucault M. Arqueologia do saber. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
23. Albuquerque GL, Pires D. A construção de uma nova forma de representação profissional: um desafio no “Projeto Político-Profissional da Enfermagem Brasileira”. Rev Bras Enferm. [Internet]. 2006 [cited 2021 Feb 19];59(2):228-32. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a20.pdf>
24. Garcia TR. Systematization of nursing care: substantive aspect of the professional practice. Esc Anna Nery [Internet]. 2016[cited 2021 Feb 19];20(1):5-10. Available from: https://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/en_1414-8145-ean-20-01-0005.pdf
25. Peres MAA, Padilha MICS. Uniform as a sign of a new nursing identity in Brazil (1923-1931). Esc. Anna Nery [Internet] 2014[cited 2021 Feb 19];8(1):112-21. Available from: <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140017>

26. Almeida RLM, Rodrigues AAP, Tarma GF, Figueiredo MAG, Almeida Filho AJ, Santos TCF, et al. Clothing and professional identity in the training of nurses in the city of Juiz de Fora. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2018. [cited 2021 Feb 19];71(Suppl 4):1548-55. Available from: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s4/0034-7167-reben-71-s4-1548.pdf>
27. Silva LM. Como as cores influenciam pacientes em ambientes de internação hospitalar. *Rev. Especialize* [Internet] 2014[cited 2021 Feb 19];1(9):1-15. Available from: <https://www.ipog.edu.br/download-arquivo-site.sp?arquivo=como-as-cores-influenciam-pacientesem-ambientes-de-internacao-hospitalar-31618012.pdf>.
28. Santos IBC, Cordeiro MFGS, Melo AC, Lima VS, Chaves BJP, Silva PE. Equipamentos de Proteção Individual utilizados por profissionais de enfermagem em centros de material e esterilização. *Rev. SOBECC* [Internet] 2017[cited 2021 Feb 19];22(1):36-41. Available from: http://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/05/833447/sobecc-v22n1_pt_36-41.pdf.